



PSICANÁLISE, LITERATURA E CINEMA: DEBATES E REFLEXÕES PROMOVIDOS POR UM PROJETO DE EXTENSÃO PARA ADOLESCENTES

Kayky Costa DA SILVA¹, Eduardo Toshio KOBORI², Felipe Ferreira PINTO³

RESUMO

É fundamental destacar a relevância da Psicanálise para pensar o entendimento das questões psíquicas, morais, sociais e culturais no pensamento coletivo. Por isso, o presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre o projeto de extensão “Psicanálise, Literatura e Cinema”, que atuou articulando o ensino, a pesquisa e a prática, contando com a participação de 15 universitários do curso de Psicologia. Este foi executado sob a promoção de reflexões entre os adolescentes de uma escola estadual de São Paulo, de maneira a ampliar o acesso à cultura, literatura e cinema. Assim, os graduandos realizaram encontros quinzenais na escola, e utilizaram como ferramentas metodológicas: dinâmicas, desenhos e atividades de escrita. Ademais, foram levados materiais relacionados ao campo da literatura e cinema (poemas; trechos de livros; filmes; episódios de séries) para possibilitar e promover debates com os alunos sobre temáticas contemporâneas, utilizando-se assim de teorias de autores como Freud, Bauman, Birman, entre outros, para complementar as discussões. Ao final do primeiro semestre da vivência, foi possível perceber um desenvolvimento satisfatório na maioria dos participantes, ao considerar que o vínculo de confiança se fortaleceu, o senso crítico em relação a temas importantes passou a progredir. Assim, mesmo com os impasses na experiência, ela apresentou eficiência no meio escolar, em virtude de os alunos ampliarem sua visão para a cultura, bem como para problemáticas sociais. Além disso, as ações também contribuíram para os universitários, produzindo aprendizados sobre a prática, o manejo de grupos em instituições escolares e o trabalho de escuta com adolescentes.

Palavras-chave: Psicologia; Psicanálise; Literatura; Extensão; Adolescentes.

ABSTRACT

It is essential to highlight the relevance of Psychoanalysis to think about the understanding of psychic, moral, social and cultural issues in collective thinking. Therefore, the present work presents an experience report on the extension project "Psychoanalysis, Literature and Cinema", which worked by articulating teaching, research and practice, with the participation of 15 university students from the Psychology course. This was carried out under the promotion of reflections among adolescents from a state school in São Paulo, in order to expand access to culture, literature and cinema. Thus, the undergraduates held biweekly meetings at the school, and used as methodological tools: dynamics, drawings and writing activities. In addition, materials related to the field of literature and cinema (poems; excerpts from books; films; episodes of series) were taken to enable and promote debates with students on contemporary themes, thus using theories from authors such as Freud, Bauman, Birman, among others, to complement the discussions. At the end of the first semester of the experience, it was possible to perceive a satisfactory development in most of the participants, when considering that the bond of trust was strengthened, the critical sense in relation to important themes began to progress. Thus, even with the impasses in the experience, it showed efficiency in the school environment, due to the students expanding their vision for culture, as well as for social problems. In addition, the actions also contributed to the university students, producing learning about practice, group management in school institutions and listening work with adolescents.

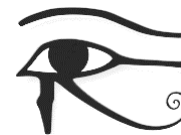
Key-words: Psychology; Psychoanalysis; Literature; Extension; Adolescents.

¹Centro Universitário de Ourinhos, Ourinhos, SP, Brasil. Email: kaykycst.04@gmail.com

²Centro Universitário de Ourinhos, Ourinhos, SP, Brasil. Email: eduardo.kobori@unifesp.br

³Centro Universitário de Ourinhos, Ourinhos, SP, Brasil. Email: felipeferreirapinto@usp.br

INTRODUÇÃO

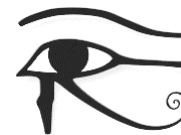


O projeto de extensão intitulado Psicanálise, Literatura e Cinema, do curso de Psicologia, iniciou-se em 19 de agosto de 2022 em um município do interior do Estado de São Paulo e finalizou sua etapa de implantação em novembro do mesmo ano. A atividade buscou e busca, ainda hoje, disseminar a produção do conhecimento no campo do Ensino, da Pesquisa e da extensão, tendo em vista a proposta de formação de Psicólogos (os) de um Centro Universitário localizado na mesma cidade. A ideia inicial da atividade relaciona-se com o projeto integrador curricular realizado com os estudantes do curso de Psicologia durante o primeiro semestre de 2022. Este projeto integrador curricular foi nomeado “Psicoflix”, e buscou, o tempo todo, promover a exibição de filmes e debates, com temáticas associadas a problemáticas contemporâneas que envolvem a forma como nos organizamos enquanto sociedade, de modo a ampliar o acesso à cultura, à literatura, ao cinema e, sobretudo, colocar em discussão assuntos que lidam direta e indiretamente com o exercício da Psicologia enquanto Ciência e Profissão.

Por isso, o projeto de extensão atuou de maneira semelhante, tal como instrui a Resolução do Ministério da Educação n.º 7, de 18 de dezembro de 2018, cujas diretrizes preveem a interação entre a produção e aplicação de conhecimentos, bem como a articulação entre o ensino, a pesquisa e a prática enquanto a junção do fazer ético-político no espaço da academia e deve estar direcionado ao bem comum da sociedade (Brasil, 2018). Cabe, ainda, pontuar que a extensão prosseguiu ativa nos anos de 2023 e 2024 seguindo os mesmos moldes.

Participaram da experiência os alunos do segundo, sexto e oitavo termo (período) da graduação, o que totalizou 15 participantes. Eles foram divididos em trios que ficaram responsáveis cada um deles, respectivamente, por uma sala (do nono ano do ensino fundamental II até o terceiro ano do ensino médio) em uma escola estadual. As atividades eram pensadas pelos trios de mediação, e deviam envolver temáticas sociais e culturais, a partir do uso de materiais literários, músicas ou filmes. Tais mídias foram utilizadas com o intuito de favorecer os debates entre os alunos na escola, visando à construção de um maior senso crítico entre os participantes, e também levando, discussões que não são muitas vezes colocadas como pautas no ambiente escolar, entretanto, são fundamentais na sociedade.

Além disso, destacamos que os encontros aconteciam com as salas quinzenalmente em dias alternados conforme a semana, para que a grade dos alunos não fosse prejudicada. Enquanto isso, as supervisões do projeto aconteciam semanalmente, nos finais da tarde de sexta-feira (exceto feriados), com a presença do professor (responsável pelo projeto na faculdade) e de todos os graduandos participantes, para expor o que foi pensado e



trabalhado nos encontros da semana. A partir da supervisão, também eram discutidas sobre as atividades que cada trio levaria para as próximas reuniões com as turmas.

Considerando tudo isso, este artigo trabalha os acontecimentos na vivência dos graduandos do curso de Psicologia na escola onde os encontros foram realizados, durante o segundo semestre, o que permitiu a construção de um olhar crítico e fundamentado sobre os acontecimentos experienciados no espaço escolar. Posto isso, destaca-se a importância que os projetos de extensão apresentam tanto para os estudantes, quanto para a sociedade de modo geral, dado que se tratam de espaços em que se estabelece a relação entre a prática e a teoria e a implicação dos futuros profissionais com as problemáticas do seu tempo.

Assim, a extensão aparece como um espaço de relação entre a prática e a teoria:

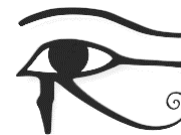
[...] as interações dialógicas nas práticas extensionistas não impedem que a teoria questione a prática e vice-versa, provocando confrontos dos saberes de natureza teórica com os de natureza prática, que resultam na produção de novos conhecimentos. Justamente, tais movimentos decorrentes das demandas sociais caracterizam a potencialidade extensionista para gerar pesquisas. É importante a interação entre os integrantes dessas práticas para que ninguém se torne fornecedor de informações e dados, pois todos devem protagonizar o processo coletivo de produção de conhecimentos; porquanto, são detentores de saberes singulares. A prática extensionista se coloca como campo de aprendizagem não só dos discentes, mas dos docentes e demais sujeitos, pois, para se aprender, é preciso vivenciar o mundo, e não só ter teorias (Silva; Ribeiro; Silva Júnior, 2013, p. 381).

Por isso, a extensão atua importantemente para a graduação e para a esfera social, de maneira a contribuir positivamente para questões culturais da comunidade, já que o meio extensionista entende o aprendizado como um processo construído coletivamente, provocado a partir das transformações que surgem pela interação entre sujeitos singulares.

No decorrer do texto, serão destacados os resultados e impactos do projeto na escola estadual onde atuamos, evidenciando os modos de organização, uso da teoria, na prática, pontos importantes desenvolvidos com os alunos a partir dos materiais levados e resultados discutidos em supervisão. O método descreve a respeito do funcionamento do projeto, considerando sua aplicação cotidiana, bem como seu desenvolvimento interno no ambiente acadêmico, enquanto a discussão apresenta os conteúdos vivenciados nos encontros realizados na escola, para abordar as temáticas trabalhadas e os resultados que surgiram.

MÉTODO

A extensão aconteceu entre os meses de agosto e novembro do ano de 2022, incluindo a introdução ao projeto, execução das atividades, supervisões e encerramento do



semestre. Quanto à participação na escola, cada trio ficou responsável por seis encontros com suas respectivas turmas, que aconteciam quinzenalmente, de modo a levar atividades relacionadas à literatura, filmes ou músicas, visando à promoção de debates sociais com os alunos.

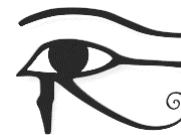
O material de trabalho se tratava diretamente dos relatos realizados nas discussões pelos alunos (os pensamentos coletados), já que a partir das atividades levadas pela mediação, a discussão se estabelecia entre a sala, de modo que os presentes poderiam apresentar seus posicionamentos e ancorar isso a experiências subjetivas de vida. Assim como no contexto psicanalítico, o projeto liga-se com a livre expressividade por meio da linguagem, agindo como um caminho para construir e expor ideias relacionadas com a estrutura social e cultural contemporânea. Contudo, antes da reflexão propriamente dita, a recepção da arte engendra uma série de ideias, imagens, pensamentos, lembranças, que irão servir de base para a reflexão, e que despertam sentimentos e emoções, cujas associações remetem a diversos conteúdos (Green, 1994).

Este processo, desde a recepção estética do conteúdo apresentado até os representantes simbólicos que surgem e são mentalizados, ou, verbalizados, relaciona-se com aquilo que Sigmund Freud adotou na psicanálise e com seus pacientes, ou seja, a associação livre, definida da seguinte maneira: “método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea” (Laplanche; Pontalis, 2022, p. 40).

Dessa maneira, o processo na sala com os adolescentes passava pela criação de um ambiente de confiança, justamente para que pudessem sentir-se livres ao falar, sem julgamentos, para que assim fossem produzidas reflexões mais amplas a partir do contato com o material utilizado para o debate (assim como nos casos de associação livre), com eficiência e relevância social.

Ademais, ao trabalhar com questões abordadas pela psicanálise, é fundamental considerar também o que Freud apontou em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*:

O êxito da psicanálise depende de ele observar e comunicar tudo o que lhe passa pela mente e não ceder à tentação de suprimir um pensamento porque lhe parece ou não pertencente ao tema, ou despropositado. Tem que adotar uma postura completamente imparcial em relação aos seus pensamentos; pois é justamente devido à crítica que ele normalmente não encontra a resolução que se busca do sonho, da ideia obsessiva etc. (2019, p. 132).



Cabe elucidarmos que, apesar da menção à associação livre, nosso intuito não foi analisar os adolescentes, nem realizar psicoterapia de grupo, mas proporcionar um espaço de escuta e debate por meio da literatura e do cinema, isto é, a partir do que estes tipos de arte podem suscitar em seus espectadores.

Após apresentarmos algumas das bases teóricas em que o projeto se estrutura, é importante dedicar alguns parágrafos para tratar sobre o passo a passo das atividades práticas do projeto, iniciando então, pela questão dos trios mediadores. Foram divididos pelo professor supervisor da forma mais heterogênea possível, fazendo com que cada divisão contasse com alunos de diversificadas turmas, para que assim, o compartilhamento de ideias, conteúdos e práticas pudesse ser mais expansivo para os graduandos participantes, justamente pelas diferenças de idade e tempo de curso. Além disso, o professor também escolheu com qual turma na escola ficariam os trios, considerando o termo (período) do graduando e, principalmente, a disponibilidade para execução do projeto, já que a exigência mínima era de dois alunos presentes por trio nos momentos com a turma, para evitar possíveis complicações ou impasses no trabalho.

Dessa maneira, os encontros aconteciam quinzenalmente em dias alternados da semana (as datas visavam não prejudicar a grade curricular dos alunos; exemplo: alguns encontros aconteciam na segunda-feira, enquanto o da semana seguinte acontecia na quarta-feira), cada um com uma hora e meia de duração. Para tais encontros, os trios levavam diversos tipos de temas (desigualdade; machismo; preconceitos; sonhos/expectativas para futuro; entre outros) e materiais (vídeos curtos; episódios de séries; trechos de filmes; trechos de livros; poemas; músicas), justamente para impulsionar os debates entre a sala.

Ainda é válido realçar que os debates e discussões aconteciam na sala sob a orientação dos mediadores, normalmente após a exibição dos materiais. Assim, os alunos eram questionados sobre suas noções relacionadas ao que havia sido exibido (a maioria das atividades incluía a comunicação verbal, mas muitos também optaram por utilizar desenhos e propostas de escritas), e a partir dos comentários realizados pelos alunos, os mediadores ficavam responsáveis por darem sequência as conversas, sendo por meio de perguntas ou comentários adicionais.

Destarte, a partir dos materiais relacionados à literatura e ao cinema, junto do uso da livre expressividade por meio da fala, desenhos e escrita, os debates orientados pela mediação foram se desenvolvendo cada vez mais, de maneira que as salas progrediam na comunicação e na exposição de ideias, e construía assim um pensamento mais coletivo sobre



as questões sociais e culturais abordadas. Ademais, após as atividades com as turmas na escola, os integrantes do trio ficavam responsáveis por apresentar o que foi trabalhado e os resultados disso nas supervisões semanais, e ao final do semestre em relatório detalhado.

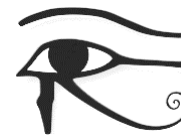
Diante disso, o presente relato foi elaborado considerando que a construção do conhecimento científico atua no sentido de produzir modos de leituras sobre a realidade, e baseado nisso, o relato de experiência surge como uma importante tecnologia na produção de saberes, especialmente nas ciências humanas, que trabalham com uma dimensão universalizante dos sujeitos, visando abordar a complexidade humana (Daltro; Faria, 2019).

Portanto, a descrição do projeto realizada nesta sessão trata-se do passo a passo efetuado ao longo do semestre, abordando a criação das atividades e a maneira como elas foram realizadas em campo (seguindo assim a proposta extensionista de relação entre prática e teoria). Por isso, o relato de experiência aqui realizado tem seu papel conectado à criação de narrativas científicas, englobando as produções subjetivas observadas ao longo da vivência no projeto (Daltro; Faria, 2019). Com isso, é válido enfatizar que na execução prática o que foi utilizado trata-se do próprio método psicanalítico, considerando sua abrangência e relação com o campo da literatura, visto que como já estabelecido desde Freud, os assuntos que vão além da clínica são essenciais para a Psicanálise, e revelam o elo entre a cultura e essa ciência (Kobori, 2022).

DISCUSSÃO

Durante a vivência extensionista, foi possível perceber um desenvolvimento satisfatório, tanto nos graduandos que participavam, quanto nos alunos da escola estadual, pois a partir dos encontros, do contato com as turmas e das supervisões, a criação de vínculos fortaleceu-se e permitiu que as propostas realizadas pudessem ser bem aproveitadas, gerando debates produtivos com temáticas sociais e culturais, e também tornando parte dos alunos mais presentes e participativos.

As reuniões com as turmas tinham o intuito de promover reflexões por meio de contos literários, cinema e músicas. A partir disso, os trios responsáveis pelas salas organizavam o material para ser levado aos encontros, e assim conduziam a comunicação e o debate em torno da temática pré-definida. É válido lembrar que as discussões permitiram bastante abertura aos alunos, todavia exigiam muita atenção e cautela da mediação, para que preconceitos e ofensas não se desenvolvessem durante as colocações e embates criados na sala.



Além disso, faz-se importante trazer o que afirma Celso Gutfreind em seu livro *O terapeuta e o lobo* (2020): “contar e ouvir histórias é, por si só, terapêutico”, e com isso, pontuar que as colocações e pensamentos apresentados no momento dos encontros eram livres, entretanto sem o viés terapêutico. Diante disso, mesmo que o resultado das atividades emplasasse em algo mais além, é preciso reiterar que o objetivo da prática desenvolvida na escola não se tratava de ser diretamente terapêutica, de modo que o projeto teve apenas como meta, a reflexão social na escola, ou seja, a construção de senso crítico junto dos alunos.

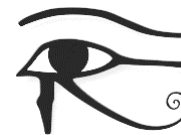
Assim, de maneira a tornar mais compreensível a prática desenvolvida em campo, o presente artigo destina o espaço de sua discussão para relatar a experiência vivida no decorrer dos encontros realizados na escola estadual. No início dos trabalhos, a sala do 2º ano do ensino médio foi dividida em dois grupos, devido ao número total de estudantes, e contava com uma média de oito alunos por encontro. Considerando isso, o trio de mediação (estudantes de Psicologia) responsável por esta turma dedicou-se a pensar atividades para serem trabalhadas quinzenalmente.

Dessa forma, as ideias foram pensadas de forma minuciosa e o planejamento era feito separadamente, considerando a atividade da semana anterior, para que assim se tornasse mais dinâmico e promovesse assimilação com as características, interesses e necessidades do grupo. Na sequência, serão relatados minuciosamente os pontos principais de cada encontro com a turma.

Quanto ao primeiro, aconteceu no dia 08 de setembro, com a presença de oito alunos, e foi solicitado a eles que se organizassem em círculo na sala, para que assim a comunicação pudesse se estabelecer com mais facilidade e de forma mais clara. A partir de então, iniciou-se a explicação do projeto, ou seja, os alunos foram orientados sobre a intenção e objetivos da extensão, sobre sua frequência – quinzenalmente – bem como sobre como funcionaria o seu desenvolvimento na escola. Prosseguindo, foi realizada uma breve apresentação de cada integrante do trio e, em sequência, os alunos se apresentaram um a um, de modo que falaram seus nomes, idades e suas futuras pretensões profissionais.

Diante dessa “conversa” inicial, percebeu-se que a maioria estava na faixa etária entre 16 e 17 anos, e também que muitos já tinham “objetivos” com relação à vida profissional pós-escola. Áreas em alta atualmente apareceram como foco dos alunos: medicina, medicina veterinária, psicologia, carreira militar e áreas atreladas à tecnologia.

No entanto, é preciso destacar uma delicada questão: mesmo apresentando ideias em relação ao futuro profissional, os alunos não indicavam se encontrar em um



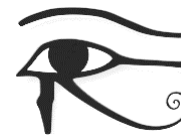
ambiente, tanto escolar como familiar, bem estruturado e nem estimulante em relação a profissões. Demonstraram ser, durante os relatos, em grande maioria, “jogados ao mundo” em uma tentativa de sobrevivência, o que os impede de ao menos sonharem com algumas melhorias em suas realidades. No momento em que se permitem “sonhar”, eles recaem sobre uma ideia, a de viverem de acordo com perspectivas criadas por outras pessoas para eles, na qual suas vidas se mostram “regidas” pelo que se entende como “classe dominante”, ou seja, acabam por não decidirem completamente por si próprios, mas sim, seguem uma ordem que os domina; seus pensamentos e escolhas são quase sempre previamente moldados. Assim como postula o sociólogo Zygmunt Bauman:

Por pelo menos 200 anos foram os administradores das empresas capitalistas que dominaram o mundo – isto é, separaram o factível do implausível, o racional do irracional, o sensato do insano, e de outras formas ainda determinaram e circunscreveram a gama de alternativas dentro das quais confinar as trajetórias da vida humana. Era, portanto, sua visão de mundo, formado e reformado à imagem dessa visão, que alimentava e dava substância ao discurso dominante (2001, p. 73).

Desse modo, este forte domínio existente sobre as decisões e escolhas humanas, termina por promover certo desestímulo na juventude, já que passam a perceber que seu “leque” de escolhas se faz reduzido, o que pode tornar a realidade bastante distinta dos sonhos criados na infância e, ao mesmo tempo “desestimuladora”, em razão da necessidade de se sustentar, sobreviver e, em muitos casos, apoiar a família. Além do observado pelas apresentações iniciais, mais alguns destaques são válidos no decorrer do encontro, já que foi passado para a turma um pequeno trecho do livro *Mal estar na atualidade* de Joel Birman:

A autoexaltação desmesurada da individualidade no mundo do espetacular fosforescente implica a crescente volatilização da solidariedade. Enquanto valor, esta se encontra assustadoramente em baixa. Cada um por si e foda-se o resto parece ser o lema maior que define o ethos da atualidade, já que não podemos, além disso, contar mais com a ajuda de Deus em nosso mundo desencantado. A solidariedade seria, assim, o correlato de relações inter-humanas fundamentadas na alteridade. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na diferença e singularidade, atributos da alteridade. O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade (2007, p. 24-25).

A partir do trecho, surgiu uma sequência de relatos por parte dos alunos, pois a conversa começou com enfoque no tema da empatia e solidariedade no meio social, então

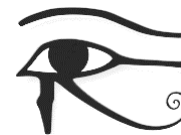


alguns apresentaram associações com vivências singulares. Uma aluna relatou ter passado por um período de depressão, já outros colegas posicionaram-se de modo a indicar preferirem ouvir mais aos outros a falar sobre seus próprios problemas - indicando que não gostavam de expor seus sentimentos por medo de julgamentos -, enquanto outro menino indicou ter dificuldades em “sentir” empatia pelo externo, o que é reforçado pelo estilo extremamente consumista da sociedade atual, assim como cita Bauman (2004, p. 98): “A solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor”. Logo, nota-se que a solidariedade, abordada como temática, acaba por ser deixada de lado, na prática, dando assim espaço para cada vez mais individualizações dos processos e dos convívios, ou seja, vive-se uma espécie de um “cada um por si” no cotidiano, de maneira que as habilidades de sociabilidade vão se dissipando.

Diante dessa diversidade de perspectivas, e considerando que o intuito principal da atividade não possuía enfoque terapêutico, a conversa foi conduzida pelos mediadores (graduandos de Psicologia)¹ com um maior “olhar para o social”, em como essas situações relatadas impactam na vida individual e nas relações em geral. Refletiu-se, em diálogo estabelecido entre alunos da escola e os mediadores, sobre a importância de se desenvolver maior sensibilidade, principalmente em relação ao “mundo”, em relação aos sentimentos pessoais e aos das demais pessoas, já que “sentir” é algo que faz parte do sujeito. Logo, sentimentos não são puras “energias espirituais” ou resultado de pensamentos moralistas, mas sim, parte fundamental dos indivíduos na totalidade. Aceitar isso pode produzir melhor desenvolvimento individual e convívio em sociedade, e falar sobre os sentimentos com pessoas de confiança pode fazer bem para o próprio indivíduo, de modo a elaborar aquilo que pensa e sente.

Depreende-se, portanto, que houve uma boa relação inicial com a sala, facilitando o entendimento sobre as principais características: os alunos mais comunicativos, os mais dispersos, aqueles que recorriam muito ao celular, entre outros detalhes de como a turma se organizava. Assim, é possível considerar que o primeiro encontro foi efetivo, considerando ainda a falta de entrosamento entre próprio trio de mediação e também o fato de ser o primeiro contato com a sala, as atividades foram bem desenvolvidas e atingiram o objetivo programado.

¹ O termo “mediadores”, ao longo do texto, faz referência aos graduandos do curso de Psicologia que integram o projeto de extensão e ficam responsáveis pelas turmas na escola estadual na qual as atividades são desenvolvidas.



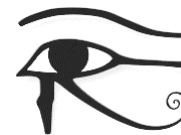
Já o segundo encontro ocorreu em 23 de setembro, com oito presentes. Neste dia, ficou bastante evidente certa resistência dos alunos quanto ao trabalho proposto. A ideia inicial era a transmissão de um curta-metragem chamado “Ilha das Flores” que retrata a temática da desigualdade social, entretanto a sala não se adaptou bem à proposta e a organização foi um pouco comprometida. Muitos “dormiram” durante o curta, alguns imergiram em seus celulares e outros preferiram conversar entre si; tudo isso fez com que a proposta levada não fosse cumprida como planejado previamente. Mesmo com tal problemática, ainda se tentou continuar a dinâmica. Desse modo, foi perguntado à turma sobre seu entendimento do vídeo, porém respostas um tanto quanto desconexas da proposta apareceram, o que se caracterizou como mais uma dificuldade no trabalho do dia.

Na tentativa de apaziguar um pouco a sala, um professor (responsável por eles na escola), aparentemente bem respeitado pela turma, foi chamado, para que desse modo ajudasse na condução dos trabalhos. É válido realçar que chamar o professor ali pode ter sido uma atitude precipitada por parte do trio de mediação, associada com certa inexperiência na condução de grupos, já que a desconexão entre o trio e a sala era natural e um dos desafios era o controle da atenção da turma. Todavia, mesmo sendo uma decisão questionável, trouxe resultados bastante válidos em relação ao entendimento sobre as relações na sala e sobre modos de gerar maior concentração no ambiente.

Com o professor presente, o curta foi exibido novamente e parte dos alunos aumentou sua atenção, desse modo, a fala sobre a temática estendeu-se, incluindo um aluno destacando que a desigualdade é algo “disfarçado” e naturalizado pela sociedade, uma colocação muito válida e precisa, que se conecta ao modo como a estrutura capitalista se organiza, conforme indica o psicólogo social Martin-Baró (1986, apud Conceição; Zamora, 2015, p. 707):

A estrutura social capitalista é organizada de forma a sustentar a maior de todas as violências: a divisão de classes, que é estrutural. É parte dessa violência de dominação revestir-se de um caráter benéfico, ilusório, para que os dominados a percebam como um estado natural na sociedade e não percebam sua feição opressora.

Diante disso, fica compreensível o modo como a estruturação capitalista impacta nas discussões, compreensões e entendimento do mundo de todos, para fazer com que suas problemáticas - como a desigualdade - sejam “escondidas” por meio da naturalização de seus fenômenos. Em seguida, o professor começou a relatar sobre o “desenvolvimento” da sala: os maiores problemas, dificuldades, divisões, casos de preconceito, agressões e ofensas



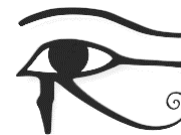
que se distribuíam entre a turma, muito relacionado com as condições sociais vivenciadas por eles em suas casas, bairros, entre outros tantos ambientes. Tudo isso ofereceu a conclusão de um cenário bastante complicado e com muitos desafios a serem trabalhados, visando maior respeito, harmonia e boa convivência entre o grupo.

Assim, considerando esse encontro, fica nítido como nem todas as experiências vividas em atuações que envolvem o campo da psicologia e educação estão atreladas a felicidade, sucesso e simplicidade, já que como colocado nos princípios fundamentais do código de ética da psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p. 12): “O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”, ou seja, todos os envolvidos na área assumem responsabilidades de resistência e luta contra problemáticas sociais, e com objetivo de promover melhorias na vida dos cidadãos por meio de estratégias - no caso ali, por meio da extensão.

Ademais, a complicação na atividade evidenciou outro tipo de impasse no trabalho, ou seja, o fato de gerações mais jovens apresentarem dificuldades de se concentrar em vídeos de média duração, de seguir roteiros e manter a concentração em dinâmicas de conversa. Posto isso, de maneira a fundamentar tal reflexão a respeito do que foi vivenciado em sala, considera-se um estudo feito com adolescentes sobre consequências ambivalentes do uso das mídias, no qual se enxergou que:

[...] os adolescentes reconhecem um conjunto de problemas que as mídias sociais podem lhes causar, especialmente quando as usam excessivamente ou quando perdem o controle das informações que circulam nelas. Os principais problemas que emergiram na análise representam um contraponto negativo aos benefícios apresentados (Barcelos; Rossi, 2014, p. 102).

Dentro desses problemas, inclui-se o distanciamento das amizades, dependência das mídias para manter relacionamentos e o risco de inibição ou superexposição dos conteúdos pessoais (Barcelos; Rossi, 2014, p.102). Assim, variados fatores surgem conectados a esse movimento apontado no estudo, mas faz-se necessário aqui, olhar para um dos possíveis e principais: o uso excessivo de *smartphones* e redes sociais, de forma que cada vez mais colocam seus usuários presos em um imediatismo exacerbado, por meio de



conteúdos rasos e curtos, visando comercializar mais e mais; o que promove uma sociedade com menor capacidade de se manter atenta por maiores períodos.

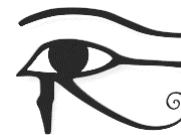
Por isso, é crucial o trabalho em relação à atenção da juventude, pois muito tem se perdido com o passar dos anos. Então, no projeto, uma das demandas que o encontro trouxe foi essa, já que um bom estabelecimento de relações sociais passa pela atenção entre a comunidade e por um bom uso das redes sociais, logo, se isso tiver impacto prejudicial, o convívio social na totalidade também é afetado.

Portanto, nesse segundo dia de atividades na escola, constatou-se que o trabalho a ser realizado no projeto é importantíssimo, por poder produzir grande impacto na realidade dos alunos e no ambiente social de modo geral; além de exigir muito empenho por parte dos condutores, já que desafios, imprevistos, comentários difíceis ou incômodos podem aparecer, e é necessário estar preparado para enfrentar e conduzir tais demandas da melhor forma possível, mesmo que isso exija sacrifícios e grande maleabilidade. A partir disso, também se compreendeu na prática a importância das supervisões, considerando que as orientações sobre as problemáticas ocorridas e sobre como proceder naqueles casos aconteciam ali na discussão com o restante dos participantes do projeto e com o professor.

Referente ao terceiro encontro, estavam presentes oito alunos em sala no dia 19 de outubro. Primeiramente, foi passada a música “Tô ouvindo alguém me chamar” do grupo Racionais; mesmo contendo alguns conteúdos mais “intensos” na canção, a ideia foi autorizada pelo docente¹ supervisor do projeto, justamente pela possibilidade de produzir um “choque” na turma em relação às temáticas existentes na letra, de modo a ser o objetivo principal. Portanto, a proposta surgiu no intuito de trabalhar com questões (apresentadas na letra da música) relacionadas à ausência de oportunidades, consciência de classe, dinheiro, trabalho, drogas e outras grandes problemáticas presentes no cenário social brasileiro. Nesse sentido, aliado a apresentação da canção, foi pensado uma dinâmica (será apresentada nos próximos parágrafos), para que assim, por meio do diálogo/ discussão com os alunos, todos esses fatores destacados fossem abordados, possibilitando a melhor compreensão do contexto e cotidiano em que vivem sob uma ótica mais crítica (já que muitos desses adolescentes possuem proximidade com as questões citadas).

Após ouvirem a música, iniciou-se uma dinâmica com a turma, que envolvia um jogo com bexigas, no qual, cada uma continha uma frase retirada da música, e a bexiga

¹ O docente aqui citado trata-se do responsável pelo projeto de extensão, de modo que ficava responsável por orientar os alunos do curso de Psicologia a respeito de qual atividades levar para a escola e sobre a forma de abordar as temáticas seguindo a proposta estabelecida.



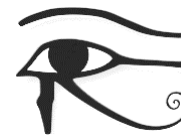
“circulava” entre os participantes até que o comando de “parar” fosse dado por um dos mediadores. Em seguida, o aluno com o objeto deveria estourá-lo e ler a frase dentro dele, para que assim, pudesse se iniciar o debate sobre o conteúdo escrito, e depois disso, deveria relatar o que compreendeu sobre o texto na frase, e caso quisessem, poderiam adicionar relatos individuais.

Para isso, as principais frases selecionadas foram: “não sabia bem o que era amor”, “mistura de ódio, frustração e dor”, “pai inútil”, “Prestou vestibular no assalto de busão”, “agora eu tenho meu valor”, e com isso, diálogos e questionamentos sobre as temáticas estabelecidas em cada uma delas foram sendo criados, e a partir disso, conexões geradas. Assim, os resultados originados pela dinâmica com base nas frases foram:

1. As frases “não sabia bem o que era amor”; “mistura de ódio, frustração e dor”; “pai inútil”- trouxeram destaque para a ausência familiar e o quão impactante isso pode ser no decorrer da vida de um indivíduo. Alguns alunos incluíram relatos individuais e complementaram sobre os impactos negativos que o distanciamento familiar pode causar, envolvendo questões sociais e até de saúde. Ainda sobre os impactos, o debate em sala se orientou na ideia de que a família é essencial para um bom desenvolvimento do indivíduo.

2. A frase “Prestou vestibular no assalto de busão” apresentou destaque para um comparativo com a ideia de que o período de vestibular se remete a um período de escolhas, que não são necessariamente eternas, mas são importantes. Atuou quase como “metáfora”, já que no contexto da música, o “assalto a busão” seria uma espécie de passagem para um mundo de maior criminalidade. Os alunos comentaram sobre a temática do “crime”, e chegaram a um consenso entre eles, sem necessidade intervenção da mediação, de que aquilo que se relaciona a crimes pode ser bastante perigoso e comprometedor na vida de maneira geral, porém compreendiam que nem todos que se submetem a certas atitudes fazem por “prazer”, mas sim, por necessidade. Logo, o período vivido pelo 2º ano é fundamental para a construção de seus futuros. Por isso, os alunos completaram falando sobre o período angustiante que enfrentam quanto a provas e vestibulares, principalmente por receberem pouco apoio da escola e dos familiares, reafirmando a falta de estrutura na vida dos adolescentes moradores de regiões com menor poder aquisitivo.

3. Já a frase “agora eu tenho meu valor” relacionou-se ao tema sobre o que seria “valor” na sociedade atual, a discussão entrou no viés financeiro, muitos associaram a ideia de valor social ao dinheiro, entretanto em debate entre a própria turma, a perspectiva se



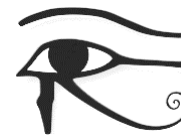
estendeu, afirmando que reais valores não se associam apenas ao materialismo, mas também a questões individuais, relacionamentos e cultura.

Outras frases também foram utilizadas e geraram muita reflexão e diálogo entre eles, relacionadas à identidade, culpa, uso excessivo de drogas, capacidades do indivíduo e outros detalhes que foram complementando a discussão. Todo o grupo foi muito participativo e colaborou com comentários e reflexões para o debate, fazendo com que o objetivo para o dia se cumprisse e a meta de maior compreensão sobre questões sociais se estabelecesse na turma, além de indicar um melhor caminho para o trabalho com aqueles alunos, ou seja, inclusão de dinâmicas mais ativas e temáticas que se fazem presentes na realidade sociocultural do grupo.

Já no quarto encontro, dia 26 de outubro, houve uma pequena mudança em relação aos grupos, pois o trio responsável pela outra “metade” da turma não conseguiu dar continuidade ao projeto em função da disponibilidade horária, exemplificando o nível de cobrança em relação à execução da extensão, uma atividade que exige atenção, tempo e muito empenho. Em virtude disso, o trio de mediação passou a trabalhar com todo o 2º ano médio, contando assim com a presença de dezoito alunos. Essa mudança não gerou impactos negativos no trabalho, mas sim fortaleceu as discussões realizadas com o grupo.

É necessário destacar que esse encontro apresentou momentos produtivos, porém contou com o provável momento mais tenso dos trabalhos com a sala, devido a um ocorrido durante a dinâmica. A proposta pedia o seguinte: os alunos deviam escrever cada um em sua folha, aquilo que eles acreditavam ser a definição de família, sem maiores exigências, apenas não deviam se identificar, já que a folha seria redistribuída. A partir disso, escreveram e depois, aleatoriamente, os papéis foram entregues para outros colegas, e cada um devia ler o escrito e adicionar um comentário a respeito. Foi no momento da leitura que se observaram questões muito sérias e complicadas envolvendo os presentes, como denúncias de abusos físicos e psicológicos, o que exigiu uma necessidade de atenção enorme com o grupo. Por isso, a mediação foi realizada com muita cautela durante a atividade e, após isso, conversou-se em supervisão para que medidas mais eficazes na sala pudessem ser tomadas, respeitando o sigilo dos alunos, mas também não agindo negligentemente em relação aos casos descritos.

Como citado, é importante não expor os alunos a situação, mas também é necessário intervir de maneira a proteger a integridade física e mental dos adolescentes, logo foi conversado com o professor e com a coordenação da escola para a situação ser observada com cautela e oferecesse ajudar da melhor maneira possível. No encontro seguinte, também



houve uma conversa geral com a sala sobre apoio mútuo, e foram passados a eles números de discagem rápida em casos específicos de denúncias.

Além desse momento de atenção no encontro, outras colocações em relação à temática da família foram feitas de modo bem interessante, como associá-la a amor, cuidado, respeito, além de nem sempre se tratar de laços consanguíneos. Por isso, o conceito de família pode ser estendido, assim como colocado no campo da psicologia:

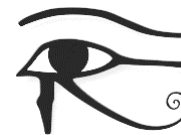
Justamente por sua natureza, a Psicologia procura definir a família diferenciando-a de outros grupos sociais, pelo fato de os indivíduos que a compõem estarem ligados por fortes laços de afeição e lealdade, não sendo a afiliação passível de demissão – nela só se entra através do nascimento, adoção e casamento e só se sai pela morte (concretamente falando, porque permanece na lembrança). Portanto, o que caracteriza fundamentalmente a família são as relações de afeto e compromisso e a durabilidade de sua permanência como membro (Macedo, 1994, p.63-64).

Discutiu-se, também, sobre o modelo familiar que muitas vezes é imposto aos indivíduos, mas que nem sempre é real, na prática, ou seja, é muito ligado a idealizações. Seguindo essa linha, a discussão se estendeu, os alunos participaram e incluíram relatos individuais e sobre conhecidos, portanto, de modo geral o tema se desenvolveu bem e findou por sinalizar um alerta importante em relação à sala, mas também em relação à boa parte dos jovens brasileiros, as complicações em seus meios familiares.

Quanto ao quinto encontro, no dia 10 de novembro, o decorrer das atividades ocorreu de maneira um pouco diversificada. Contou-se aos alunos, orientando-se pelo que é apresentado no livro *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*, a história do mito de Sísifo:

Conta Homero, na Odisseia, que, por ter desafiado os deuses, Sísifo foi condenado a empurrar eternamente montanha acima uma rocha que, por seu próprio peso, rolava de volta tão logo atingisse o cume. Albert Camus (2000) propôs uma instigante interpretação para esse mito. Para ele, o auge do desespero de Sísifo não está na subida: o imenso esforço despendido não deixa lugar para outros pensamentos. A descida, ao contrário, não exigindo esforço, é o momento em que Sísifo é confrontado com seu destino: o aspecto trágico é conferido pela consciência de sua condição (Zanelli; Borges-Andrade; Bastos, 2014, p. 25).

Posto isso, trabalhou-se por meio de interpretações que relacionam o mito com o tema do trabalho, já que Sísifo carrega repetidamente a pedra, e seus momentos de “paz” estão justamente durante o carregamento, pois não “sobra tempo” para pensar em seu sofrimento, enquanto a descida passa a ser torturante, graças à reflexão em relação a sua exaustão e “inutilidade”.



A história foi contada justamente visando promover o debate sobre o trabalho atualmente, visto que é “objeto de múltipla e ambígua atribuição de significados e/ou sentidos” (Zanelli; Borges-Andrade; Bastos, 2014, p. 25), e que muitas vezes “aprisiona” o indivíduo, o condenando a fazer o mesmo dia após dia e, geralmente, sem consciência de sua condição absurda. Após isso, os dezenove alunos presentes foram divididos em três grupos, cada um conduzido por um dos mediadores, e era “responsável” por debater sobre dois trechos de músicas distintos.

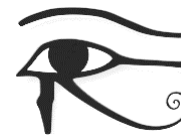
Durante as discussões nos três grupos, ficou nítido certa semelhança entre os discursos, eles associavam questões de trabalho a períodos de angústia, ligados a funções que desempenhariam e também a necessidade de “decisão” que é imposta a eles, além da insegurança trabalhista no século atual, assim como apontada por Zygmunt Bauman:

No mundo do desemprego estrutural ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro. Empregos seguros em empresas seguras parecem parte da nostalgia dos avós; nem há muitas habilidades e experiências que, uma vez adquiridas, garantam que o emprego será oferecido e, uma vez oferecido, será durável. Ninguém pode razoavelmente supor que está garantido contra a nova rodada de “redução de tamanho”, “agilização” e “racionalização”, contra mudanças erráticas da demanda do mercado e pressões caprichosas mas irresistíveis de “competitividade”, “produtividade” e “eficácia” (2001, p. 202).

Logo, nota-se o quanto os alunos acabam por sentir, na prática essa agilização e racionalização citada pelo autor, de modo que a angústia que permeia a fala de cada um deles mostra uma conexão com esse cenário de ausência de segurança, visto que passam a perceber que o ensino médio está mais próximo de terminar, e com isso, entendem que rapidamente se tornarão reféns dessa forte pressão provocada pela competitividade imposta pelo mercado.

Em relação a “decisões” futuras, como estavam no 2º ano do ensino médio, apresentavam muito receio quanto à realização de vestibulares e também do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), principalmente pela defasagem de conteúdos durante a época de pandemia. No entanto, também não sinalizavam muito ânimo em relação ao trabalho, já que consideravam a necessidade de trabalhar apenas por sustento básico, considerando o nível de precariedade que vivenciam; o que reafirma um sistema econômico e social muito desigual no país. Desse modo, este encontro serviu para demonstrar na prática a sensação dos jovens e adolescentes em relação a seus futuros, um cenário que “falta esperança”, apresenta muitos medos e angústias, além de poucas perspectivas em relação a trabalho e profissões.

Já em relação ao sexto encontro, o último a ser realizado com a turma, ocorreu no dia 25 de novembro, com a presença de quinze alunos. Este, como era o encerramento do



semestre com a sala, trabalhou a temática dos sonhos (com o objetivo de finalizar com uma reflexão sobre o presente e o futuro de cada um ali, visto que seria o último contato dos mediadores do projeto com a sala) por meio de uma dinâmica.

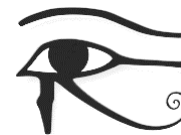
Anterior a isso, cada aluno escreveu em uma folha sua opinião referente aos encontros, sensações, ideias, críticas e outros detalhes que achassem pertinentes destacar. As afirmações foram bastante positivas e demonstraram agrado, além disso, elogios e aprendizados da sala apareceram nas descrições dos alunos, o que evidenciou a boa importância e bom resultado na execução do projeto ali.

Em seguida, a dinâmica iniciou-se como uma espécie de “dança da cadeira”, ou seja, uma música tocava e os alunos circulavam entre as cadeiras, com a pausa do toque, cada um deveria se sentar, sendo aquele que sobrasse, o escolhido para comentar sobre um pouco de suas perspectivas em relação a seus sonhos em vida. Como resultado dessa atividade, eles associaram sonhos a questões relacionadas a possíveis profissões, constituição de família, instabilidade individual e alguns ao desejo de viajar.

Por outro lado, surgiu uma questão não muito positiva, envolvendo alguns deles: baixas perspectivas e ausência de sonhos, acabando por não valorizar suas próprias vidas, como se aquilo que vivenciam fosse inútil. A desvalorização apresentada mostra-se muito associado à realidade atual, visto que eles (alunos) não se permitiam, ao menos, sonhar com possíveis melhorias, e por isso, nota-se uma semelhança com aquilo que Freud destaca em sua obra *O Mal estar na cultura*,:

Não podemos conter a impressão de que as pessoas comumente usam falsos critérios, que anseiam para si e admiram nos outros o poder, o sucesso e a riqueza, mas que subestimam os verdadeiros valores da vida. E, no entanto, em cada julgamento genérico como esse corremos o risco de esquecer a diversidade do mundo humano e de sua vida anímica (Freud, 2020, p. 305).

Com isso, percebe-se então uma subestimação de valores da vida, ou seja, desde muito jovens (ainda na faixa etária dos 15 e 16 anos), esses alunos não visualizam nenhuma perspectiva de futuro, de modo que em seus discursos apresentavam a ideia de que melhorias no estilo de vida não se faziam possíveis. Isso se conecta com a citação trazida acima, uma vez que, durante o diálogo entre a turma e os mediadores na escola, percebe-se que os adolescentes daquela sala entendiam a riqueza (no sentido econômico da palavra) como única forma de melhoria (aqui percebe-se a admiração do poder e riqueza no “outro”, enquanto subestimam valores próprios e singulares). Assim, nota-se que o risco de esquecimento da diversidade no mundo humano relatado por Freud (2020) se faz presente no cotidiano desses



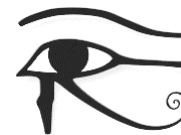
alunos, e com isso, vivenciam um grande desânimo, ao deixarem de valorizar sua própria subjetividade, e de sonhar com objetivos possíveis dentro de suas realidades.

Após o encerramento da dinâmica, realizou-se uma confraternização final, com lanches e bebidas para os alunos, para que assim se desse como encerrado o semestre de projeto na escola. Com esse encontro final, possibilitou-se perceber como funciona o desenvolvimento de vínculos de confiança com grupos, já que os alunos passaram a apresentar maior liberdade na comunicação, em virtude de maior segurança para se posicionar nos debates.

Ademais, ficou novamente evidente a dificuldade dos alunos em enxergar perspectivas boas para seus futuros, muitos até evitavam pensar nisso, em razão da angústia e medo relacionados a prováveis dificuldades que cogitavam viver, e de certo modo, consideravam a não existência de vantagens no “tornar-se adulto”, ou seja, o caminho pós saída do ensino médio. Diante disso, “o jovem pode ter embotada sua aspiração por se sentir vivo e real” (Barreto; Aiello-Vaisberg, 2010, p. 322), assim, notou-se que os alunos evitavam refletir sobre tais questões em função desse embotamento, e também por se tratar de um movimento natural, já que é imposto um freio na tendência de realização do potencial humano existente em cada um (Barreto; Aiello-Vaisberg, 2010). Por isso, mostra-se fundamental a participação do ambiente escolar na formação dos adolescentes e jovens, para poderem ter melhores estruturas em suas tomadas de decisão, diante do difícil processo de saída da escola e futura entrada na vida adulta.

CONCLUSÃO

Ao final das ações do primeiro semestre do projeto, foi possível observar o impacto sobre o modo de pensar dos alunos e consequentemente sobre suas vidas, já que a mudança no pensar conecta-se bastante ao estilo de viver que cada sujeito adota. Consequentemente, reitera-se que a prática extensionista (base na qual o projeto se estrutura) compreende o aprendizado como um processo construído coletivamente, e com isso, entende-se que transformações sociais surgem da interação entre sujeitos singulares. Logo, o projeto enquanto espaço de escuta provoca impactos por meio da criação de vínculos com os alunos da escola, e diante disso, destacam-se: o progresso na comunicação, aumento da empatia/solidariedade no meio social, percepção da importância da sensibilidade enquanto sujeitos (valorização dos sentimentos), e ainda, o desenvolvimento de melhor convívio nos relacionamentos no ambiente escolar e fora dele (contando com a boa convivência em grupos).



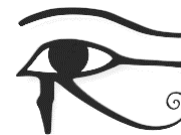
Assim, mesmo considerando o pouco tempo de cada trio com as salas, e em virtude disso a quantidade razoável de materiais trabalhados, a extensão conseguiu resultados que podem ser considerados positivos para ambas as partes (alunos e universitários); pois, resultou em mudanças na maneira de visualizar as questões sociais por parte dos adolescentes (e, de certa forma, até dos graduandos), e contribuiu para maior desenvolvimento da aprendizagem prática dos alunos de psicologia, ou seja, uma construção ativa e interativa de conhecimento, que muitas vezes não se alcança apenas pelo campo teórico.

Ademais, para finalizar, considerando aquilo que os mediadores puderam observar no dia a dia da prática, é necessário realçar que existem diversas problemáticas na realidade das salas e dos alunos individualmente. Muitos dos adolescentes convivem com grande medo de julgamentos, conectado a extrema pressão que o ambiente acaba lhes proporcionando, de maneira que passam a acreditar que são obrigados a viverem em padrões pré-estabelecidos, ou seja, padrões consumistas, que acabam também por resultar na dificuldade de desenvolvimento da solidariedade social.

Ainda relacionado a problemas, os alunos demonstram dificuldades em identificar ou admitir seus sentimentos em relação a diversas questões, o que se interliga muito a ideia do senso comum de que “sentir” é algo relacionado à fraqueza, logo passam a viver com muitas de suas emoções reprimidas, e consequentemente terem conflitos em relação a suas questões particulares e no convívio em grupo. Além de tais questões, ainda se observaram mais três pontos que exigem atenção em relação aos adolescentes: o uso excessivo das redes sociais, angústia em relação à vida profissional pós-escola e baixas expectativas para o futuro.

Desse modo, é sempre necessário observar, investigar e repetir quais são as problemáticas mais presentes quando se trata do público adolescente, já que essa fase traz mudanças e apresenta grande influência na vida dos sujeitos. Logo, dado que um dos resultados observados foi de que a maioria deles não possui um ambiente familiar e escolar bem estruturado, caso não exista um olhar atento e intervenções necessárias, esses adolescentes podem se ver diante de certo desamparo, e acabarem por ter de enfrentar consequências bastante negativas produzidas pela desigualdade social (que surge disfarçada e naturalizada), como a dificuldade em suas relações, no qual as habilidades sociais vão se dissipando a partir de um processo de individualização.

Ademais, considera-se que o problema da falta de sonhos, no qual os jovens passam a sucumbir e aceitar que seus caminhos sejam completamente controlados e moldados, conforme uma ordem dominante imposta, e assim, deixam de almejar e desejar objetivos



subjetivos para si. Para finalizar, ainda é preciso olhar para questões que tangenciam a própria saúde e integridade dos alunos, visto que se percebe nos relatos dos encontros, tópicos relacionados a abusos físicos e psicológicos, o que acaba por ser alarmante e requer atenção e discussão.

Depreende-se, portanto, que é fundamental a participação da psicologia em ambientes escolares, e em situações que envolvem o público adolescente, de maneira a destinar um olhar qualificado para o enfrentamento de situações problemáticas. Assim, a atuação da psicologia e psicanálise não se restringe apenas à clínica em processos psicoterapêuticos, mas sim se estende a outros diversos campos, como o caso do campo escolar, para que se possa possibilitar a construção de reflexão, resistência e luta contra problemáticas sociais.

Por isso, o projeto de extensão “Psicanálise, literatura e cinema” aparece como uma importante atuação, já que leva a psicologia para dentro da escola, sem que o seu principal viés seja terapêutico, de maneira a promover um pensamento mais coletivizado e solidário, além de evitar colocar sobre os adolescentes uma perspectiva moralista e trabalhar contra a simples patologização dos sintomas, permitindo que os adolescentes se percebam como sujeitos de sua própria história. Logo, atuam como produtores e reconstrutores dela, enquanto integrantes de grupos e comunidades, para que assim possam desenvolver sua criatividade e alcançar a realização de suas potencialidades no âmbito coletivo.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, R. H.; ROSSI, C. A. V.. Mídias sociais e adolescentes: uma análise das consequências ambivalentes e estratégias de consumo. **Base (revista de administração e contabilidade da unisinos)**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 93- 110, abril- junho, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104985/000932103.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 04 mai. 2023.
- BAUMAN, Z.. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z.. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BARRETO, M. A. Motta; AIELLO-VAISBERG, T. M. J.. O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. **Psicologia em Revista**, v. 16, n. 2, p. 310-329, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2010v16n2p310>. Acesso em: 26 dez. 2024.



BIRMAN, J.. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira**. Brasília, DF, 2018. 4 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 21 jun. 2023.

CONCEIÇÃO, V. L. DA.; ZAMORA, M. H. R. N.. Desigualdade social na escola. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 4, p. 705–714, out. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/kPwXrLYC5ThZdZmnBfTVLrv/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 01 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. D.. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abril. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013. Acesso em: 30 dez. 2024.

FREUD, S.. **O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião**. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2020. E-book. ISBN 9788551306697. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551306697/>. Acesso em: 05 mai. 2023.

FREUD, S.. **Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900)**. Tradução: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

GREEN, A.. **O desligamento**. Rio de Janeiro: Imago ed., 1994.

GUTFREIND, C.. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola**. Porto Alegre: Grupo A, 2020. E-book. ISBN 9788582715932. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582715932/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

KOBORI, E. T.. **Diálogos entre Psicanálise e Literatura: um ensaio sobre o amor nos tempos do cólera**. São Paulo: Paco Editorial, 2022.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

MACEDO, R. M. S.. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. **Cadernos de Pesquisa**, n. 91, p. 62-68, 1994. Disponível em: [file:///C:/Users/win10/Downloads/Dialnet-AFamiliaDoPontoDeVistaPsicologico-6208923%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/win10/Downloads/Dialnet-AFamiliaDoPontoDeVistaPsicologico-6208923%20(1).pdf) Acesso em: 01 mai. 2023.

SILVA, A. F. L. D.; RIBEIRO, C. D. M.; SILVA JÚNIOR, A. G. D.. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal



Hórus, v.20, n.1, 35-56, 2025

ARTIGO ORIGINAL

Fluminense, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, n. 45, p. 371–384, abr. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/icse/a/WHny33PzxV6bWNgrgMmxvPB/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 04 mai. 2023.

ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V B. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2014. *E-book*. pág.25. ISBN

9788582710852. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582710852/>. Acesso em: 18 dez. 2024.